



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OLHARES NA MARGEM DO RIO TRACUNHAÉM

Autor(1); Rafael Manoel De Souza
Co-autor(1); Mádson Francisco Da Silva

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
E-mail- rafaelfmanuel2011@hotmail.com
E-mail- mamadson123@hotmail.com

Resumo:

A educação ambiental busca nutrir a percepção sobre a correlação política, social, ecológica e econômica, e assim, suscitará nos indivíduos e na comunidade uma aptidão por melhores condições no ambiente e por encontrar juntos, na coletividade soluções para os problemas ambientais, com isso, estaremos garantindo um ambiente limpo e uma igualdade ambiental, assegurando uma elevação na qualidade de vida. O presente artigo apresenta um estudo realizado em uma comunidade ribeirinha na Mata Norte do estado de Pernambuco, e busca compreender como os moradores desse espaço conceituam educação ambiental, e como é a sua relação cotidiana com o meio ambiente, refletindo nesse caso a sua prática. Em um caminho metodológico caracterizado pela pesquisa qualitativa, os dados foram obtidos mediante a aplicação dos seguintes instrumentos: questionário, entrevista e a observação participante. Enquanto, que para o embasamento teórico sobre educação ambiental, recorreremos a autores da área como Marcatto(2000) e Carvalho(2012). Neste viés, na discussão dos resultados da pesquisa ficou claro que, para termos um ambiente sustentável para o presente e especialmente para o futuro, é preciso mudar as práticas de cada indivíduo sobre e com o meio ambiente. E conclui-se que isto, só se dará por meio de uma educação ambiental, clara e envolvente, promovidas por ações escolares, governamentais e não governamentais, gerando uma mudança individual e coletiva diminuindo na degradação dos recursos naturais, do meio ambiente, do rio Tracunhaém.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Globalização, Conscientização, Responsabilidade socioambiental.

INTRODUÇÃO

A educação ambiental (EA) é uma necessidade do presente, pois cada vez mais vem aumentando o desrespeito com o meio ambiente e com uso dos recursos naturais, de modo especial, o recurso hídrico, pois, em tempos de racionamento de água ver-se necessário um cuidado mais especial com a mesma, preservando-a para uso futuro. No entanto, o grande desafio é através da EA apontar caminhos sustentáveis para seu uso e para o desenvolvimento socioambiental, seja comunitário ou industrial. Por isso, este artigo subjaz uma discussão atual sobre o processo de globalização e sua interferência na vida ecológica, traz também, uma visão a respeito da constituição que fala de educação ambiental e faz um corte geográfico, trazendo uma realidade ribeirinha para abordar como os sujeitos dessa localidade conceituam educação ambiental. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é registrar os conceitos de educação ambiental dos ribeirinhos de Nazaré da Mata –PE; perceber como se estabelece o relacionamento dos ribeirinhos com o rio Tracunhaém e com todo o meio



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ambiente; e analisar os impactos da interação entre os moradores e o rio Tracunhaém, subordinando a inferência sobre um tema central que é a saúde dos moradores e a do meio ambiente. Nesse horizonte, consideramos que na atualidade esses temas vêm se tornando ou precisa se tornar palco de várias discussões de como ter uma educação ambiental participativa, coletiva, sustentável e consciente. É neste viés, que o presente artigo vem elucidar a respeito da educação ambiental, trazendo um olhar sustentável e mostrando que o modelo econômico atual e a ânsia pelo “ter” prejudicam e não ajudam em nada as condições ambientais. É preciso que todos tomem consciência da responsabilidade socioambiental, buscando uma mudança que parte de nós, para depois exigirmos atitudes ambientais de outros sujeitos. Nesta perspectiva, acreditamos que a educação ambiental é a ponte que liga a conscientização humana sobre o meio ambiente a prática ambiental, pois, por meio destes dois elementos, alcançaremos resultados significativos, se forem trabalhados com veracidade, compromisso e responsabilidade. Deste modo, o presente trabalho ajudará a fomentar uma reflexão sobre os cuidados ambientais, partindo de sua realidade social, de seu “eu”, para uma coletividade, e assim, talvez chegar a resultados significativos, pelo menos para os moradores adjacentes do rio Tracunhaém, que são os sujeitos que contribuíram para o enredo dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aplicada em uma comunidade ribeirinha do rio Tracunhaém, localizada em Nazaré da Mata, na Mata Norte do estado de Pernambuco. E foi conduzida pelo método qualitativo, uma vez que a mesma possibilita ao pesquisador chegar a dados reais sobre a natureza investigada, compreendendo as relações sociais, especificamente neste caso, a relação do homem com o meio em que vive e suas concepções sobre as interfaces do ambiente. Nesse viés, Godoy (1995), ainda acrescenta que essa pesquisa é uma investigação do “fenômeno que pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.”

Desta maneira, o método qualitativo, ajudará na coleta dos dados, que procederá por algumas vias, a primeira é a entrevista, que segundo Rodrigues(2006), “é a técnica utilizada pelo pesquisador para obter informações a partir de uma conversa orientada com o entrevistado e deve atender a um objetivo determinado”, pois, assim pode-se perceber através do tom de voz do entrevistado e outros elementos orais, o que o mesmo deseja expor ou não



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a respeito do que fora indagado, seja por medo, ou até mesmo, total falta de conhecimento sobre o que está sendo indagado.

O segundo instrumento é o questionário, que segundo Chizzotti(2001) é um instrumento que “consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e seqüencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito [...]sobre assunto que os informantes saibam opinar [...]” Este, proporciona a liberdade escrita do sujeito da pesquisa para responder a respeito do que sabe e de como compreende os fatores investigados no campo empírico no qual está inserido. Outro meio que se utilizou na investigação foi à observação, que tem como objetivo ir além do que o(a) entrevistado(a) falou, e perceber como os atores sociais conceituam o meio ambiente e como vivem na prática, por isso, a observação participante possibilitará um contato direto com o sujeito, tornando-o objeto de investigação. Sobre esse instrumento, Rodrigues(2006), diz que é um instrumento que busca coletar os dados a partir do registro que se faz na observação. Sobre os sujeitos da pesquisa, foram ouvidos 20 moradores por meio do questionário e entrevista, sendo dez para cada instrumento, com idades entre 16 e 58 anos. Esses moradores são de toda a margem do rio cuja escolaridade é variada, sendo doze com ensino médio incompleto, sete com ensino médio completo e uma com ensino superior incompleto.

Nesse sentido, para inferir sobre os dados coletados utilizamos a análise de conteúdo por ser um instrumento que segundo Chizzotti(2001), tem por objetivo “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.” Ou seja, esse método de análise permite que se perceba inerentemente as interfaces dos fatores ou fenômenos estabelecidos a partir de algo registrado.

Como inserção social foram entregues folhetos de conscientização de como melhor viver com o espaço em que vivem, como cuidar dos recursos naturais de maneira sustentável, de modo que, os mesmos não acabem aceleradamente por influência daqueles sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação Ambiental: Concepções e Interfaces no Campo Teórico e Empírico

Nas últimas décadas, estamos presenciando um crescente interesse por questões ambientais e constatando que o atual modelo econômico, e o tratamento dado aos recursos naturais, não são corretos. Essa conscientização vem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

crescendo nos países desenvolvidos e também nos países subdesenvolvidos. A comprovação que as potências econômicas encontram-se preocupadas são os grandes acordos que são feitos para diminuir os impactos ambientais, um desses acordos foi à agenda 21(Eco-92 ou Rio-92), que foi um encontro promovido pelas Nações Unidas, em 14 de Julho de 1992 no Rio de Janeiro. Neste grande encontro, alguns acordos foram tomados, para um determinado tempo, no entanto, as necessidades ambientais são ainda presentes.

Nesta perspectiva, Marcatto(2000), afirma que:

O modelo de desenvolvimento atual, desigual, excludente e esgotante dos recursos naturais, tem levado à produção de níveis alarmantes de poluição do solo, ar e água, destruição da biodiversidade animal e vegetal e ao rápido esgotamento das reservas minerais e demais recursos não renováveis em praticamente todas as regiões do globo. Esses processos de degradação têm sua origem em um modelo complexo e predatório de exploração e uso dos recursos disponíveis, onde conceitos como preservação, desenvolvimento sustentável, igualdade de acesso aos recursos naturais e manutenção da diversidade das espécies vegetais e animais estão longe de serem realmente assumidos como princípios básicos norteadores das atividades humanas. (MARCATTO, 2000, p. 8)

Assim, podemos constatar que a globalização não ocorre de forma sustentável e igualitária, mas sim de maneira excludente, onde nem todos têm acesso a saneamento básico e a outros elementos que implicam em qualidade de vida social e zelo pelos recursos renováveis, respeitando a biodiversidade animal e vegetal, assim como o todo. Nesse sentido, essa pesquisa foi elaborada na Zona da Mata Norte de Pernambuco, tendo um olhar preciso sobre o rio Tracunhaém, onde os ribeirinhos vivem e convivem com alto índice de poluição, e subordinados ao desprezo do poder público municipal. Sobre esta localidade onde ocorreu a pesquisa, consideramos que ela é uma área onde o curso fluvial é altamente poluído que está degradação é oriunda dos moradores antigos e atuais. Por isso, que no ato dessa pesquisa, realizaram-se algumas coletas de dados para que aqui possamos inferir e perceber que boa parte dos moradores não sabem o que é Educação Ambiental (EA), mas em contra ponto a isso sabem que é preciso limpar o ambiente que vivem.

Nesse horizonte, mediante a observação e ao questionário aplicado no processo metodológico, podemos notar nas respostas dos (as) entrevistados (as) e em suas vivências que eles se encontram em comunhão com toda a realidade que o autor afirmou sobre educação ambiental, mesmo não compreendendo ou possuindo um saber conceitual sobre o meio ambiente. Mas afinal, o que é Educação Ambiental para os moradores? As respostas não possuíram muitas faces conceituais, houveram alguns “não sei” como a da entrevista 1(2016), assim como também respostas associadas que interligam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o conceito de E.A com uma palavra que enfoca consciência e prática, no entanto, reafirmamos aqui que a educação ambiental realmente subjaz um novo pensar e agir sobre o meio e, por isso a entrevistada 2(2016), afirma que: “[...]devemos respeitar e preservar aquilo que é um bem de todos; o nosso planeta Terra”. Ou seja, o que essa entrevistada assim como outras que dizer é que cuidar do meio ambiente implica em ter uma responsabilidade de cuidar da terra, partindo do lugar onde cada sujeito está inserido e situado. Nessas duas perspectivas, percebemos que no primeiro caso não existe uma consciência formada sobre o termo “educação ambiental”, enquanto, que a segunda entrevistada possui uma ótica conceitual de preservação sobre o tema, desvendando-se sobre uma prática no bem comum, ao tratar o planeta terra como um espaço de todos. Desse modo, existem várias definições sobre Educação Ambiental, mas todas com um olhar voltado a valorização, preservação e resgate do meio ambiente em dimensões humana, animal, social e entre outras. Na Agenda 21, capítulo 36, a Educação Ambiental é definida como o processo que busca:

[...] desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos [...] (Capítulo 36 da Agenda 21)

Ou seja, fazendo uma analogia nessa afirmação, entende-se que a Educação Ambiental é presente, porém, escondida na vida de todos – talvez situada em forma de um pensamento ideológico, já que todos sabem que é preciso preservar. Assim, os problemas que hoje se enfrenta nessa dimensão é fruto de uma ausência de conscientização efetiva e de um trabalho coletivo, onde pais educam seus filhos desde criança a ter uma consciência ambiental. Para agora, urgentemente, é preciso até mesmo romper as barreiras que EA é apenas dentro da própria casa, ou na frente de casa, mas é um processo como afirma Minini citado por Dias (2000. p. 99 e 100) que:

[...]consiste em propiciar às pessoas uma compressão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa, a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado. (DIAS, 2000. p. 99 e 100)

Ou seja, a educação Ambiental é um processo que busca evidenciar uma consciência e uma prática crítica, refletindo e inferindo sobre o meio ambiente em uma perspectiva global. Sendo assim, esses contextos, também tem que ser vivados em trabalhos escolares, nos bairros, ouvindo os moradores, detectando problemas, para que juntos instruídos por políticos ou não, possam na coletividade encontrar uma solução, voltada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para uma educação ambiental com um desenvolvimento sustentável. Pois como afirma Berna (2011) “a educação ambiental é crucial para a promoção do desenvolvimento sustentável e a efetiva participação pública na tomada de decisões. [...] Aumentando a conscientização popular e promovendo o aperfeiçoamento.” No entanto, é preciso que se entenda uma coisa, não teremos um ambiente limpo, uma educação coletiva, um desenvolvimento sustentável, se cada sujeito não realizar a sua parte no processo de preservação e guardar em si a tomada de consciência de que também faz parte do meio. E aqui realçamos essa crítica, pois afinal, todos querem água limpa, cidade limpa, saneamento básico, mas sempre se espera por ações dos gestores municipais, sempre se espera pelo outro, e assim, vai se excluindo toda e qualquer solução ambiental. Mesmo assim, diante do estado atual da natureza, vale lembrar que ninguém chegará a uma perfeita conscientização ambiental, porque ninguém é perfeito e essa imperfeição faz com que cada de um de nós estejamos mais envolvidos com avanços globalizados que degradam, do que com ações de cuidado com a terra, porém, todos os dias precisamos está atento sobre as ações do cotidiano para que uma vez conscientizados não possamos voltar a ter atitudes retrógradas em relação ao meio ambiente.

Ainda nesta perspectiva de sentir-se parte do meio, quando indagamos os ribeirinhos seja por meio de entrevistas ou questionários a respeito de como os mesmos compreendiam que estavam prejudicando a saúde ambiental, as respostas foram algumas vezes passivas e quase ninguém assumiu que a atual situação do rio, do local onde vivem, encontra-se poluído por ações dos mesmos. Neste momento, fez-se uso da observação participante, não com o objetivo de desfazer da fala do (a) entrevistado (a), mas para contrapor a fala com a realidade. Vejamos o que disse a questionada 1(2016): “Na minha opinião eu não prejudico a saúde ambiental. Mas as vezes esqueço e jogo o papel de confeito na rua, mas é difícil”, em outro momento o questionado 2(2016) ressalta; “Não estou prejudicando o rio. E nem o meio ambiente”. Nesse viés, fica evidente o antagonismo na fala, na prática e na falta de compreensão por educação ambiental, porque todos eles contribuem diretamente com a poluição do rio. Nesse momento, a observação participante foi muito importante, pois quando falaram que não prejudicavam a saúde ambiental, podemos constatar que o esgoto da casa é despejado no rio ou na frente de casa, contribuindo para matar a vida existente no rio e prejudicar a pesca, haja vista, que os mais necessitados pescam até hoje, e com a poluição do rio, os peixes não são de qualidade, prejudicando a saúde de quem consumir os peixes e também impossibilitando os próprios moradores de venderem um peixe de qualidade para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ajudar na renda familiar. Como mostra a Figura 1: O antagonismo na fala e na prática.



Fonte: Co-autor, 2016.

Por outro lado, questionamos os residentes sobre a ação do rio na saúde dos moradores que residem em sua volta. Alguns moradores foram enfáticos ao dizer que o rio não prejudica a ninguém, mas é a ação dos próprios moradores que prejudicam o rio. No instrumento entrevista, declarou a entrevistada 3(2016): “Pelo contrário, o rio não nos prejudica, nós é que invadimos o espaço dele e ainda sujando com muito lixo.” Na afirmação da entrevistada percebemos a importância de conscientizar-se de que não é o meio ambiente que nos prejudica, mas é o próprio homem que danifica o ecossistema. O rio tem o papel de nos ajudar, de suprir as necessidades básicas, como por exemplo: água para os afazeres domésticos. Porém, este rio está longe de ser usado adequadamente pelos moradores, por causa do seu alto índice de poluição. Conseqüentemente, quem entrar em contato direto com a água do rio pode ter Hepatite A e Diarreia, sem falar do grande número de mosquitos encontrados em volta, como os causadores de Dengue e Chikungunya. Nessa dimensão, o questionado 3(2016) que reside a margem do rio diz que a saúde é muito influenciada pelo mesmo, ao comentar que “Prejudica pela falta de limpeza no rio, e com isso acaba trazendo muitas doenças e prejudicando a saúde dos moradores”. Ou seja, esse questionado assim como outros, consideram que o rio poluído proporciona mau cheiro, criação de insetos e outras condições que afetam a saúde dos ribeirinhos. Por outro lado, inferimos que para que essa situação de doenças diminua e os moradores tenham um bem estar, é preciso que eles tenham no mínimo uma conscientização a respeito de EA, pois, o rio assim como todo o ambiente não se poluiu sozinho, mas, foi sendo historicamente degradado. Neste sentido, relacionando educação ambiental as vivências, trazemos Carvalho que desperta um novo olhar para aprender a ter uma consciência ambiental, e isso firma-se quando ele diz que:

[...] EA está efetivamente oferecendo um ambiente de aprendizagem social e individual no sentido mais profundo da experiência de aprender. Uma aprendizagem em seu sentido radical, a qual, muito mais do que apenas prover



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conteúdos e informações, gera processos de formação do sujeito humano, instituído novos modos de ser, de compreender, de posicionar-se ante os outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo que vivemos[...] (CARVALHO, I.C.M. , 2012, p. 69).

Desse modo, fica evidente a importância da educação ambiental ao proporcionar um aprendizado para o sujeito humano nesse contexto ambiental, buscando realizar nos indivíduos novos modos de ser, compreender e de posicionar-se na busca de um ambiente melhor, de recursos limpos, na minimização dos impactos causados pelos homens.

Globalização e Meio Ambiente: A Relação dos Ribeirinhos Com o Lugar em que Vivem

Não é de hoje que o homem torna-se refém de suas próprias ações, e com relação ao meio ambiente, não nos é diferente, tudo que é lançado contra a natureza volta para o próprio homem, a exemplo disso, são os esgotos quando esborram, tal resultado é decorrente dos lixos lançados no ambiente e como consequência a poluição que sai, volta para a casa dos moradores. E é nesse horizonte que o processo de globalização vislumbra o homem, tira dele a preocupação com o meio ambiente, com o próximo e com os problemas que surgem. Nesta perspectiva, Dias faz o seguinte comentário:

[...] Essa velocidade de eventos, a bordo do processo multidimensional da globalização, produziu e precipitou uma das mais graves preocupações para os cientistas da área ecológico-ambiental, referente à capacidade de suporte da terra e a viabilidade biológica da espécie humana: o número crescente de indivíduos que passam a ocupar o mesmo nicho, dentro da biosfera, ou seja, cada vez mais pessoas adotam os mesmos padrões de consumo, em todo o mundo, exercendo pressões crescentes sobre uma mesma categoria de recursos finitos ou cuja velocidade de regeneração não está sendo observada. (DIAS, 2004. p. 92)

Desta maneira, confirma-se a falta de preocupação dos humanos com os recursos naturais, na ânsia por está sempre atualizado repetem-se as atividades exploratórias e consumistas, mas não se preocupa como o produto constituído, se é sustentável e se não agrediu o meio ambiente. Atropela-se tudo isto para viver uma atualidade devastadora.

Com o aumento do processo de urbanização e globalização, é fácil perceber a evolução dos problemas ambientais dentre os quais a falta de saneamento básico, que contribuem para que os esgotos domésticos deságüem no rio e a matéria orgânica conduzida pelos esgotos façam proliferar os microrganismo, entre os quais bactérias e protozoários que são prejudiciais ao homem. Mediante tudo isso, a poluição das águas vem crescendo vertiginosamente nas últimas décadas devido às atividades humanas. Por essa razão, Dias (2004) diz que a perda do equilíbrio ambiental, acompanhada com uma série de fatores como a erosão cultural, a injustiça social, a violência, a injustiça econômica, causa nos sujeitos à falta de percepção e torna-os refém de um tipo de educação que ‘treina’ as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

peças para serem consumidoras úteis, egocêntricas e desmerecem as consequências ecológicas de suas atitudes. Isto faz o homem refém da globalização e das falsas vantagens que são oferecidas, para induzir os sujeitos ao consumismo e ao desrespeito com o habitat.

Nesse sentido, ao olhar o campo e os sujeitos da pesquisa é perceptível toda essa defasagem ambiental, social e cultural. Mas mesmo assim, desejamos saber como eles se relacionam com o lugar em que vivem e apesar dessas dificuldades e situações acima referidas. Foi possível registrar que os moradores construíram um laço de afetividade muito grande com o local onde vivem, mesmo com as condições não sendo boas. Porém, quando indagados sobre o que os conduziu a morar neste local, as respostas quase sempre foram às mesmas, e assim disse o questionado 4(2016): “Falta de opção de moradia em outra localidade”, reafirmou também a entrevistada 4(2016): “Não ter opção é claro de não poder ter condições de morar em outro lugar e lamentar por todas as pessoas não cuidar mais do rio, e assim viver bem”. Portanto, infere-se sobre essas respostas que o que levou os sujeitos a morarem neste lugar foram as condições financeiras e o baixo valor do imóvel, mas, a relação afetiva pela conquista de espaço, da casa e até mesmo das relações coletivas, fez com que o ambiente se tornasse melhor. No entanto, realça acima a entrevistada 4, a comunidade poderia ser um espaço mais agradável se todos tivessem cuidado com o meio ambiente, sobretudo, o rio que está apenas alguns poucos metros de distância.



Figura 2: A falta de opção.

Fonte: O Autor, 2016.

Na imagem acima, vemos parte de algumas casas e terrenos que pelo fato de serem em um local com pouca infraestrutura ficam mais barato. Nesse sentido, a condição econômica não possibilita outro local para morar e com uma elevada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

distribuição de renda desigual, agrava a situação de miséria de boa parte dos moradores, refletindo diretamente na situação socioambiental.

CONCLUSÕES

Diante do artigo apresentado, podemos fazer uma reflexão sobre educação ambiental e sociedade, compreendendo que esses dois objetos estão inteiramente interligados e constituídos na vida social e no fazer humano. Nesse sentido, como foi inferido no corpo textual, percebemos que poucos dos sujeitos pesquisados compreendem a dimensão conceitual do que venha a ser educação ambiental. No entanto, todos, independente de se sentirem culpados ou não pela degradação ambiental, compreendem e percebem a necessidade de uma mudança de vida com relação ao meio ambiente, para que assim possa-se tentar melhorar as condições de vida socioambiental e também do rio, especificamente, uma vez que o tema educação ambiental foi discutido na perspectiva das vivências dos moradores ribeirinhos do rio Tracunhaém, na zona da mata do estado de Pernambuco. Por fim, considera-se que desde as políticas públicas, passando pela escola até as casas de todas as pessoas, deve-se haver uma compreensão e intervenção sobre as dimensões da educação ambiental, pois, só assim conseguiremos melhorar a vida das pessoas que constituem a sociedade agora, e sustentar um ambiente pelo menos agradável para os que ainda vão nascer. Naturalmente, precisa-se da disposição de todos para se chegar não há um ambiente perfeito, mas a um meio ambiente onde cada coisa e pessoa têm seu lugar, sem, no entanto, destruir. Por isso, concluímos esse artigo dizendo que é preciso preservar o que tão pouco está reservado hoje no meio ambiente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNA, Vilmar. **Como fazer educação ambiental/** Vilma Berna. - São Paulo: Paulus, 2011- (Pedagogia e educação).

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico/** Isabel Cristina de Moura Carvalho- 6.ed.- São Paulo: Cortez,2012.

Capítulo 36 da Agenda 21 **Promoção do Ensino, da Conscientização e do Treinamento**
Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/c36a21.pdf>. Acesso em 29 de Jul. 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais /** Antonio Chizzotti. 5. ED. – São Paulo : Cortez, 2001.- (Biblioteca da educação. Série 1. Escola ; v.16) ISBN 85-249-0444-5

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensatas Pedagógicas: nós e a escola: agonias e alegrias/** Mario Sergio Cortella. -Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e práticas/** Genebaldo Freire Dias – 9. ed. - São Paulo: Gaia 2004

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais .** *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 21, maio-jun 1995.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios/** Celso Mercatto- Belo Horizonte: FEAM, 2002.

RODRIGUES, Auro de Jesus, 1966 - **Metodologia Científica /** Auro de Jesus Rodrigues. – São Paulo: Avercamp, 2006: il. ISBN 85-89311-30-9;978-85-89311-30-4